

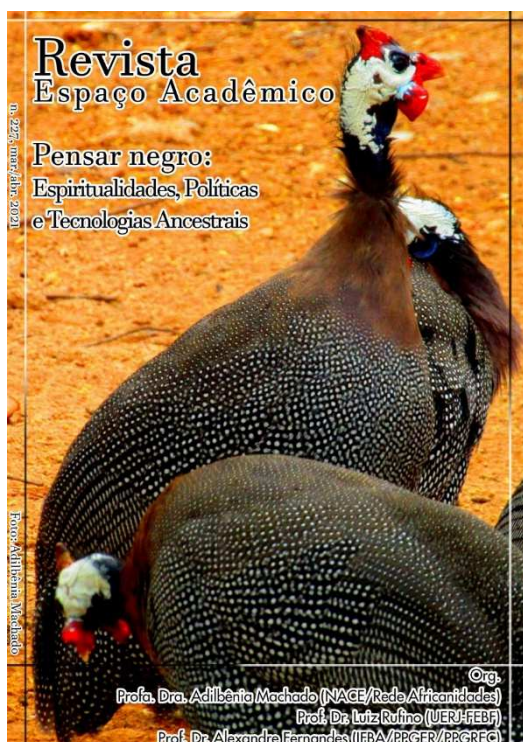
## Pensar Negro: Espiritualidade, Políticas e Tecnologias Ancestrais

LUIZ RUFINO (UERJ / FEBF)

ADILBÊNIA MACHADO (NACE / Rede Africanidades)

ALEXANDRE FERNANDES (IFBA / PPGER / PPGREC)

*Salve os campos de batalha.  
Salve a sereia no mar.*



A promessa de desenvolvimento civilizatório legada pelo projeto moderno ocidental-europeu é uma demanda a ser enfrentada. Essa demanda, palavra presente na semântica macumbística, deve ser lida como uma espécie de praga rogada, efeito que nos acomete de paralisias, perda de potência e esquecimento. Encarar a demanda

como palavra geradora que nos convoca a riscar astúcias no agora, nos leva a fortalecer a toada de que a história deve ser visitada não para cantar os redentores, mas para avivar as batalhas travadas e inacabadas.

As promessas pregadas pelos agentes da militarização, catequese e latifúndio dissimulam o funcionamento de uma empresa lucrativa que se alicerça na raça, racismo, gênero, patriarcado, destruição da biosfera e joga para debaixo do tapete o fato de que sua edificação se fez empilhando corpos, línguas, saberes, pertenças e espíritos. Dessa forma, como ir ao campo de batalha e enfrentar essa aparelhagem de terror denominada colonialidade? Pedimos licença as voltas do mundo na hora grande para riscar que enfrentaremos essa demanda fazendo macumba.

Ao contrário do que muitos pensam e defendem, a macumba é a matriz e motricidade capaz de inscrever presenças, saberes e gramáticas insurgentes e plurais que contrariam e atazanam os modos totalitários. Por mais que nessa terra tenhamos uma forte e ampla regulação teológico-política, a

macumba escapa de qualquer fixidez e se lança na escrita de um complexo que abarca problemas da ordem da ontologia, epistemologia, semiótica, ética, política e educação. Considerando que uma das principais investidas de terror do projeto colonial se dá na aniquilação de existências seja na produção de esquecimento, desvio, subordinação ou encarceramento, a macumba como um balaio tático emerge como uma esfera de múltiplos seres, saberes e forças contrárias aos ditames da dominação colonial.

Com as canetas empunhadas como aguidavis percutimos em nossos tambores dizeres que buscam quem mora longe e baixa para firmar a defesa de uma política do conhecimento que é ação de justiça cognitiva implicada com as questões étnico-raciais. É nesse tom que apresentamos o dossiê *Pensar Negro: espiritualidades, políticas e tecnologias ancestrais* como gira epistêmica que vibra, vadeia e segura a pomba de um projeto coletivo e ancestral chamado descolonização.

Para abrir nossos caminhos ofertamos o texto de *Guilherme Cadaval* e *Marcelo José Derzi Moraes*, *Por um padê na mata*, para acentuar os encontros, diferenças, ambivalências e inacabamentos dos sentires, fazeres e pensares cruzados na mata Brasil. A farofa arriada encanta a encruza, *Encruzilhadas epistêmicas: a estruturação dos princípios filosóficos dinamizadores presentes nos terreiros* de *Lincolnly Jesus Alencar Pereira* nos leva a pensar os caminhos como condição errante e inconclusa de nossas existências, por isso a encruzilhada emerge não como condição limite, mas lugar de partida. Ou seria de chegada?

A encruzilhada é também a linha da kalunga, que tem suas esquinas

alimentadas com a contribuição de *Agnes Lima*, *A operacionalidade do conceito de Kalunga para uma revisão crítica das epistemologias negras*. Lendo a vida como travessia como reagiriam *Beauvoir e Sartre na macumba*? É o que a cambonos *Fábio Rosário* e *Rafael Haddock-Lobo* nos contam. Dando tom a gira e ao vencimento das demandas *Luis Thiago Freire Dantas* bate cabeça para Oníre com o artigo *O corpo tecnológico na forja de Ògún* e em seguida *Isadora Souza Silva* e *Cristiano Sant'anna* nos brindam com as águas de *Oxum e ekedis: a ancestralidade feminina negra dos terreiros refletido nas redes sociais*.

Somos convidados ao diálogo com as identidades, memórias e lutas dos povos de terreiros em um entroncamento. Na primeira esquina *Veridiana da Silva Machado* e *Salvador Cardoso Silva Muniz* nos apresentam o texto *O racismo religioso e as estratégias de enfrentamento da casa terreiro ventos de Angola/Caxuté*. Na segunda dobra vibram os ecos ancestrais do artigo, *Um olhar sobre a resistência do povo de terreiro do bairro do Pontal, Ilhéus-Bahia*. No terceiro caminho as sete flechas cruzadas do caboclo que inventariou o Brasil como enigma e feitiço apresentado no texto, *Umbandas: tradições, mitos e tensões* de *Ana Cristina Muniz Décia* e *Adilson Meneses da Paz*. Cantamos para subir com o texto de *Rodrigo Ferreira dos Reis*, *Ôrí na perspectiva de gnose liminar: formas de existência*. Com ele saudamos todos os Ôris que confluem nesse encontro e firmamos em diálogo e plantado esperanças em tempos de terror o ponto de uma ação política/epistemológica contra a dominação colonial.

Boa gira!